

ÁFRICA

O ENEM E A ÁFRICA

Não há livro didático, prova de vestibular ou resposta correta do Enem que não atribua a miséria e os conflitos internos da África a um fator principal: a partilha do continente pelos impérios europeus. A Conferência de Berlim, entre 1884 e 1885, teria criado fronteiras artificiais “sem respeitar a antiga organização tribal e a distribuição geográfica das etnias no continente”, como diz um exame de vestibular.²⁸² Essas fronteiras acabariam acotovelando no mesmo território diversas nações e grupos étnicos, fazendo o caos imperar na África. Quem não concordar com isso não passa no vestibular. No Enem de 2005, uma das respostas corretas para uma pergunta sobre as principais causas dos problemas do continente era: “as fronteiras artificiais, criadas no contexto do colonialismo, após os processos de independência, fizeram da África um continente marcado por guerras civis, golpes de estado e conflitos étnicos e religiosos”.²⁸³

Esse raciocínio é o cerne da teoria externalista, que atribui todos os problemas da África a causas externas. Além de empastelar fronteiras, os países europeus teriam sabotado o continente ao saquear suas riquezas, como marfim, diamante e ouro. Um dos primeiros livros a criar essa culpa coletiva foi *Imperialismo: um Estudo*, escrito pelo inglês J. A. Hobson em 1902. Com um pé no antissemitismo, o autor retrata o imperialismo europeu como uma grande conspiração de banqueiros judeus como os **Rothschild**, além de investidores e fabricantes de armas a quem interessava manter os africanos na miséria. Ainda hoje essa tese é repetida, sem o toque antissemita. O diplomata Kofi Annan, ex-secretário geral da ONU, disse durante um discurso que “os recursos minerais da África, em vez de serem explorados em benefício do povo, têm sido tão mal-administrados e saqueados que agora são a fonte de nossa miséria”.²⁸⁴

Rothschild era a família de magnatas e banqueiros mais poderosos da Europa do século 19. Eles bancaram enormes empreendimentos da época – o mais conhecido foi a colonização do sudoeste da África por Cecil Rhodes, na região que ganhou o nome de Rodésia. No século 20, os Rothschild perderam poder, mas seguiram financiando grandes projetos. Veio deles parte do dinheiro para a construção da ponte Rio-Niterói, entre 1969 e 1974.

É verdade que os europeus não agiram como ursinhos carinhosos na África. Com a ideia de fazer os camponeses largarem a agricultura de subsistência, movimentar a economia e assim recriarem a civilização europeia no continente africano, os colonizadores ingleses, franceses, belgas e portugueses caíram na tentação da engenharia social. Criaram impostos per capita, obrigando os moradores a trabalhar

para pagá-los, provocaram migrações e tiraram terras de proprietários africanos para abrigar nelas colonos brancos. Depois que parlamentares belgas se recusaram a gastar dinheiro na África, o rei da Bélgica, Leopoldo II, declarou o Congo como sua propriedade pessoal. A partir de então, passou a extrair de lá borracha e marfim por meio de um sistema de escravidão que incluía cortar as mãos dos trabalhadores que não atingissem cotas de produção. Quando a Maxim, a primeira metralhadora automática, chegou à África, milhares de guerreiros armados com lanças e alguns fuzis passaram a ser mortos em minutos. Por fim, as fronteiras delineadas na Europa causaram, sim, alguns problemas. No Congo, por exemplo, etnias rivais se viram sob o mesmo governo; em Gana e no Togo, a comunidade ewe foi cortada pela metade; no Chifre da África, os somalis se viram divididos entre franceses, ingleses e italianos.

Mas o colonialismo europeu não explica tudo – e não é a principal causa dos conflitos e das misérias da África. Nos anos 60, pouco antes de a maioria dos países africanos se tornar independente, havia mais escolas, leitos de hospitais, comida e africanos alfabetizados que 20 anos depois. Se os impérios praticaram atrocidades, também é verdade que construíram estradas, pontes, escolas; difundiram um sistema judiciário e financeiro; mantiveram muitos reinos tradicionais e estabeleceram uma ordem mínima para que famílias e negócios **prosperassem**.

O que os britânicos fizeram pelas colônias? Como responde o escritor americano Harry Crocker, “fora estradas, ferrovias, portos, escolas, um sistema parlamentar de governo, direitos civis, separação de poderes, império da lei e a língua inglesa... nada!”.²⁸⁵

A ideia de que o imperialismo serviu para escoar o dinheiro de sobra de investidores é uma completa bobagem: em muitos casos, o imperialismo dava prejuízo, e a maioria dos investidores preferia botar dinheiro em países nos quais eles não tinham domínio político. Os britânicos, por exemplo, investiam em projetos de estradas e ferrovias nos Estados Unidos, na Europa e na América Latina. Entre 1870 e 1913, foi para a África só 13% do dinheiro que os ingleses investiram fora de casa – e em boa parte das vezes as apostas fracassavam.²⁸⁶

Se as fronteiras artificiais ajudam a explicar alguns conflitos, atribuir a elas a maioria dos problemas dos mais de 50 países da África, como faz a prova do Enem, é um raciocínio grosseiro, superficial e insuficiente. É incrível que uma teoria tão frágil e generalista tenha durado tanto – provavelmente isso acontece porque ela serve para alimentar a condescendência de quem toma os africanos como “bons selvagens” e tenta isentá-los de qualquer responsabilidade por seus problemas. Na África, o costume de atribuir a miséria e as guerras aos europeus já está obsoleto – e isso há algumas décadas. “No começo dos anos 80, os africanos estavam fartos da ladainha do colonialismo/imperialismo e da recusa de seus líderes a assumir a culpa por seu próprio fracasso”, escreveu o economista George Ayittey, de Gana.²⁸⁷

Os europeus destruíram a África (mas não do jeito que você está pensando)

A ideia de que as fronteiras criadas pelos europeus são as principais causas da desordem africana cai diante de pelo menos cinco argumentos:

1. Guerras entre nações rivais e disputas pela sucessão de tronos existiam muito antes de os europeus aparecerem no litoral ou atingirem o interior da África. Em quase todas as culturas nômades, a guerra a grupos inimigos e o ataque a povoados sedentários fazem parte da ordem natural das coisas. Em boa parte da África subsaariana, a África negra, secas prolongadas e crises de fome provocavam invasões, disputas por territórios e grandes migrações. Bem antes da chegada dos europeus, ataques com o objetivo de arrebanhar escravos eram comuns – havia um intenso mercado de escravos para os árabes, por rotas que atravessavam o **Saara**. No meio dessas rivalidades, o domínio de um império teve um efeito pacificador.²⁸⁸ “Por meio de sua *pax*, os impérios fornecem o bem público mais básico – a ordem – numa sociedade internacional anárquica”, afirma o historiador e economista indiano Deepak Lal.²⁸⁹ Sem essa força apaziguadora, velhas rixas tribais reapareceram. “Em muitas partes do mundo pós-colonial, os maiores beneficiários foram elites nacionalistas predatórias que falharam ao prover até mesmo o mais elementar bem público”, diz Lal.²⁹⁰ Os próprios reinos conheciam os benefícios da paz imperial. Durante o colonialismo, alguns deles procuraram voluntariamente se aliar aos europeus. Em 1881, por exemplo, dois reis do atual Camarões escreveram ao primeiro-ministro britânico William Gladstone: “Nós queremos que nosso país seja governado pelo Império Britânico. Estamos cansados de chefiar este país: toda disputa leva a uma guerra, geralmente com um grande número de mortes”.²⁹¹

Tem mais sobre isso no *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*.²⁹²

2. É uma enorme simplificação dizer que as fronteiras foram criadas de forma aleatória pelos países europeus. Depois dos acordos internacionais, comissões demarcatórias iam a campo apurar possíveis problemas. “As comissões, muitas vezes, mudaram o traçado combinado para assegurar o acesso de vilarejos a terra e fontes de água, ou para evitar dividi-los pela metade e, claro, para adaptar a fronteira ao relevo”, escreveu o cientista político Saadia Touval num detalhado estudo sobre as fronteiras africanas.²⁹³ Quando líderes locais não gostavam de uma demarcação, reclamavam – e houve muitos casos em que conseguiram o que pediam. Em 1895, três chefes de reinos do atual Zimbábue se irritaram ao saber que o território deles se anexaria ao da África do Sul. Em protesto a essa decisão, os três viajaram a Londres para ter uma conversa com o secretário de estado das colônias, Joseph Chamberlain.

Voltaram com o acordo de que seguiriam como um protetorado britânico.²⁹⁴

3. Graves conflitos étnicos aconteceram justamente em países que tiveram suas fronteiras mantidas pelos acordos europeus. O território de Ruanda e de Burundi, dois pequenos países cercados por montanhas e habitados há séculos por tútsis e hutus, é quase o mesmo desde antes da colonização europeia. Em 1919, quando os belgas permitiram que os ingleses anexassem 5 mil quilômetros quadrados do território de Ruanda, para facilitar a construção de uma ferrovia, a população reclamou. O caso foi levado à Liga das Nações, que considerou a divisão “difícilmente justificável do ponto de vista do bem-estar, da ordem política e da estabilidade”, e a fronteira voltou ao antigo traçado. Esse respeito à fronteira tradicional não impediu que os hutus de Ruanda matassem 800 mil tútsis, a golpes de facão, granadas e tiros de AK-47, em três meses de 1994.

4. O fato de povos distintos dividirem o mesmo lugar não necessariamente implica guerra e genocídio. Em muitos países – na verdade, é difícil encontrar um país onde isso não aconteça –, pessoas de etnias, de religiões e de línguas diferentes convivem juntas. Espanhóis castelhanos, galegos e catalães; belgas flamengos e valões; canadenses franceses e ingleses podem não morrer de amores entre si, mas o máximo que costumam fazer é trocar olhares de antipatia ou mover campanhas civilizadas de separatismo. Há exemplos de convivência pacífica na África, como Burkina Faso. Sete grupos étnicos se espremem no país, cujo território é fruto de fronteiras aleatórias impostas pelos europeus. O resultado? Uma rica tradição de piadas, não muito diferente do que os brasileiros do norte fazem com os gaúchos.

Do mesmo modo, muitos povos e culturas são divididos por fronteiras – e uni-los num novo país nem sempre é necessário. Em todo o mundo, acordos internacionais preveem que povos nômades possam ignorar as linhas imaginárias.²⁹⁵ É o caso de índios que vivem entre as fronteiras internacionais da Amazônia e de diversos grupos nômades da África.

5. O maior argumento contra a teoria das fronteiras tem mais de 1 milhão de quilômetros quadrados. Trata-se da Etiópia, o único país africano que não foi colonizado pelos europeus. Os italianos tentaram invadir a Etiópia em 1896, mas sofreram uma humilhante derrota militar. Entre 1935 e 1942, Mussolini tentou de novo, usando até mesmo armas químicas; mais uma vez os italianos foram postos para correr pelos guerreiros etíopes (com uma mão salvadora dos britânicos). Com essas vitórias, a Etiópia seguiu governada pelo imperador Hailé Selassié, pertencente a uma das linhagens monárquicas mais antigas do mundo e que – segundo a mitologia oficial – descendia diretamente do rei **Salomão**. O que aconteceu com esse país que expulsou os europeus e manteve boa parte de suas fronteiras? Os etíopes tiveram o mesmo destino dos vizinhos colonizados.

Durante o Império Romano, a Etiópia recebeu influência latina e se cristianizou. Guerreiros etíopes chegaram a participar das Cruzadas contra os árabes, ao lado dos europeus.

Em 1974, o imperador **Hailé Selassié** foi deposto por um grupo que somava tudo o que há de pior: intelectuais marxistas, revolucionários e militares. Havia décadas, um conjunto influente de pensadores etíopes defendia que, para modernizar o país, era preciso acabar com a tradição da monarquia. Seduzidos pela teoria de Lênin, segundo a qual os intelectuais devem formar as elites de vanguarda e organizar as massas para a revolução, eles se atribuíam uma “superioridade moral que os colocava acima de prestação de contas com o povo”.²⁹⁶ Ao invadirem o palácio do imperador, asfixiaram Selassié com um travesseiro e enterraram seu cadáver atrás de uma latrina no jardim do palácio.²⁹⁷

Sabe-se lá por que motivo, Selassié virou deus do movimento rastafári e do reggae. Em 1966, ao visitar a Jamaica, ele se assustou ao ver, da janela do avião, que 100 mil pessoas o esperavam, muitas delas trazendo cachimbos e cigarros de maconha.

No lugar do mítico imperador etíope, assumiu um amigo de **Fidel Castro** – Mengistu Hailé Mariam –, que passou a governar sob consultoria da KGB e da Stasi, a polícia secreta da Alemanha Oriental. A União Soviética, com a ideia de aproveitar a oportunidade da descolonização e formar uma federação comunista no Chifre da África, passou a armar o exército etíope. O ex-diretor da KGB Vasili Mitrokhin conta que, durante o inverno de 1977 e 1978, aviões militares soviéticos carregados de armamentos aterrissavam a cada 20 minutos na Etiópia. A operação envolveu 225 aviões, um satélite de reconhecimento, mil agentes soviéticos, além de 400 da Alemanha Oriental. Cuba enviou 17 mil soldados que estavam em Angola para ajudar **Mengistu**.²⁹⁸ Vencidas as batalhas contra os territórios vizinhos, o governo voltou sua força contra os próprios cidadãos, instituindo a execução sumária para contrarrevolucionários. Bem ao estilo de Lênin, o governo pregava o terror vermelho e a morte de todos os dissidentes políticos. Meio milhão de etíopes, de acordo com a Anistia Internacional, morreu em dois anos por causa de perseguições políticas. Esse valor é 1.300 vezes os mortos em 20 anos de ditadura militar brasileira (379 pessoas, segundo a Comissão de Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos). Entre as vítimas do terror etíope, houve pelo menos mil “contrarrevolucionários” de 11 ou 13 anos de idade. O governo ainda remexeu todo o sistema de produção rural. Dez anos depois dessas medidas, veio o resultado: a Etiópia viveu uma terrível crise de fome.

Em 1978, Fidel Castro foi à Etiópia celebrar os quatro anos do governo revolucionário. Sentou-se à direita de Mengistu, na cadeira de convidado de honra. Ao todo, Cuba se envolveu nos assuntos internos de 17 países africanos, enviando 65 mil soldados à África (entre eles, Che Guevara). Nos anos 70, 11% do orçamento cubano era gasto na África.²⁹⁹

Mengistu foi deposto em 1991, quando se exilou no Zimbábue, onde ainda vive. Em 2006, a Justiça

etíope o condenou à morte por genocídio, mas o governo do Zimbábue se negou a extraditá-lo.

Além desses atos de crueldade, os revolucionários etíopes fizeram uma grande bobagem: a “etnização da política”, a tática de fomentar conflitos entre etnias para ganhar poder. Políticos e intelectuais passaram a pregar a destruição dos amharas, a etnia da antiga família real. Os amharas eram identificados como opressores proprietários rurais e formavam 20% da população do país. “A odisseia de intelectuais generosos liberando os trabalhadores da exploração foi reencenada, com grande fervor, quando esses intelectuais se imaginaram liberando o povo da opressão racial”, afirma o filósofo etíope Messay Kebede.³⁰⁰

Esse é um ponto importante que passa longe de Enem e das provas de vestibular. Na Etiópia, em **Ruanda** e em vários outros países africanos, como burguesia e proletariado eram conceitos alienígenas das nações industrializadas, a ideia de luta de classes foi transmutada em luta de etnias. Mais desastrosa que as fronteiras artificiais foi a ilusão de que um povo só conquistaria direitos básicos se derrotasse aquele que o “oprimia”. Foi essa a verdadeira motivação para empunhar uma arma e apontá-la para o vizinho. Como diz o filósofo Messay Kebede, “os conflitos étnicos da África são mais bem explicados pelo fato de as elites africanas, para conquistarem poder, mobilizarem o povo adaptando o discurso de luta de classes para luta de etnias”.³⁰¹ Desse ponto de vista, o que realmente acabou com a África foi mesmo a Europa – não o imperialismo, mas um punhado de ideias erradas exportadas por europeus.

A transformação da luta de classes em luta de etnias também é clara em Ruanda. Logo depois da independência, missionários e líderes marxistas disseminaram a ideia de que os hutus eram oprimidos pela elite tútsi, a minoria urbana e mais educada. Era esse o retrato que os europeus e líderes da ONU tinham de Ruanda: por esse motivo, demoraram tanto para agir quando os hutus começaram a matar todos os tútsis que encontrassem.

Mas houve, é claro, uma grande ajuda dos líderes revolucionários africanos. Se o imperialismo europeu não construiu um paraíso, foram eles que transformaram boa parte da África em um inferno.

²⁸² Geografia para Todos, disponível em www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo_30_conflitos_etnico-nacionalistas_e_separatismo.

²⁸³ Professor.bio.br, disponível em http://professor.bio.br/historia/provas_vestibular.asp?origem=Enem&curpage=4.

²⁸⁴ George B. N. Ayittey, “Why Africa is poor”, em Julian Morris, *Sustainable Development: Promoting Progress or Perpetuating Poverty*, Profile Books, 2002, página 1.

²⁸⁵ Harry Crocker, *The Politically Incorrect Guide to The British Empire*, Regnery, edição Kindle, 2011, posição 122.

²⁸⁶ Niall Ferguson, *Império*, Planeta, 2010, páginas 256-260.

[287](#) George B. N. Ayittey, página 3.

[288](#) Paul Johnson, *Tempos Modernos: O Mundo dos Anos 20 aos 80*, Instituto Liberal, 1990, página 399.

[289](#) Deepak Lal, *In Defense of Empires*, AEI Press, 2004, página 2.

[290](#) Deepak Lal, página 4.

[291](#) Deepak Lal, página 1.

[292](#) Leandro Narloch, *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*, Leya, 2011.

[293](#) Saadia Touval, *The Boundary Politics of Independent Africa*, Harvard University Press, 1999, página 11.

[294](#) Saadia Touval, página 9.

[295](#) Saadia Touval, página 10.

[296](#) Messay Kebede, “From marxism-leninism to ethnicity: the sideslips of Ethiopian elitism”, *Northeast African Studies*, volume 10, número 2, 2003, página 10.

[297](#) Christopher Andrew, *The World Was Going Our Way: The KGB and The Battle for The Third World*, Basic Books, 2005, página 456.

[298](#) Christopher Andrew, página 460.

[299](#) Pamela S. Falk, “Cuba in Africa”, *Foreign Affairs*, verão, 1987, disponível em www.foreignaffairs.com/articles/42294/pamela-s-falk/cuba-in-africa.

[300](#) Messay Kebede, páginas 16 e 17.

[301](#) Entrevista com o autor em 9 de fevereiro de 2013.

Não é novidade para ninguém que o apartheid da África do Sul impunha uma cruel discriminação aos negros em universidades, hospitais, banheiros públicos, bebedouros, estádios, bancos de parques, praias e urnas de votação. O que pouco se comenta é que, em muitos outros países africanos, houve segregações e perseguições ainda mais perversas.

OS OUTROS APARTHEIDS

- Entre as décadas de 1950 e 1960, 250 mil judeus africanos foram expulsos do Egito, Líbia, Marrocos, Tunísia e Argélia. Os poucos que ficaram foram confinados em guetos.^{[302](#)}
- Negros não muçulmanos tiveram direitos reduzidos e foram expulsos da maioria dos países islâmicos do norte da África. Só em 1989 e 1990, 90 mil negros mauritanos foram mandados embora, tendo de se refugiar nos países vizinhos.
- Na Tanzânia, árabes foram privados de direitos e depois expulsos do país.
- A tradicional comunidade de artesãos e comerciantes indianos, que surgiu na África durante o século 19 por influência do Império Britânico, teve problemas em diversos países do Chifre da África e da região central do continente. Em Uganda, no ano de 1972, o presidente Idi Amin comunicou, de uma hora para outra, que os 75 mil indianos locais teriam 90 dias para abandonar o país, deixando propriedades para trás.
- Mesmo os camponeses negros se deram mal em países governados por negros. Assim como no apartheid da África do Sul, o governo de Angola, Burundi, Etiópia e Moçambique, entre outros, passou a exigir dos moradores passaportes internos e autorização para viajar e trabalhar.^{[303](#)}

- Por fim, em represália à colonização, moradores brancos foram perseguidos em vários países africanos independentes.

[302](#) Paul Johnson, página 444.

[303](#) George B. N. Ayittey, *Africa Betrayed*, St Martin's Press, 1992, página 121.

Quem destruiu a África foram os líderes africanos

Uma onda de otimismo em relação à África passou pelo mundo no fim dos anos 50. Depois de um século de colonização, os países estavam se tornando independentes, a maioria deles por meios pacíficos. Os africanos poderiam enfim escolher seus próprios líderes – e parecia haver bons nomes a escolher. Nas metrópoles, grupos de intelectuais, muitos deles educados em universidades europeias como consequência da colonização, mantinham jornais, partidos e movimentos cujas ideias deviam pouco às de seus equivalentes europeus. Entre eles, havia jovens iluminados que pareciam encarnar os anseios espirituais do povo. Era o caso de Julius Nyerere, da Tanzânia, chamado pelo povo de “o pai da nação”, e Kwame Nkrumah, “o redentor” de Gana. Em 1960, quando 17 países conquistaram independência e o primeiro-ministro britânico, Harold Macmillan, afirmou que era preciso aceitar os “ventos de mudança” das colônias africanas, não houve dúvidas: aquele era o ano da África.

Então, os ventos da realidade arrombaram a porta, quebraram os vidros e espalharam poeira pela sala de TV.

Em Gana, a mais rica colônia da África, o governo independente começou com o cofre cheio: tinha 481 milhões de dólares em caixa. O dinheiro era fruto de impostos e da intermediação que a administração colonial britânica fazia da exportação de cacau. O presidente Kwame Nkrumah tinha planos audaciosos de industrialização, com o objetivo de reduzir as importações e assim “romper os laços com o comércio **internacional**”. Um de seus projetos foi o de uma fábrica de sapatos – construída na região do país oposta à dos curtumes. Outra realização foi uma espécie de Mangobrás, uma indústria estatal de mangas enlatadas, capaz de processar 7 mil toneladas por ano. Comédia típica das economias de planejamento central, somente quando a fábrica estava pronta o governo percebeu que não havia mangueiras: foi preciso esperar sete anos até que as primeiras árvores dessem frutos. Outro projeto foi o da usina hidrelétrica de Akosombo, a maior do país. Essencial para alimentar outra obsessão do presidente – uma indústria de produção de alumínio –, a construção esgotou quase todas as reservas financeiras, alagou 3,6% do território de Gana e desalojou 80 mil pessoas. Contudo, resultou em algum benefício: até hoje Gana exporta energia para os países vizinhos.

Nkrumah, o líder mais promissor da África independente, era o porta-bandeira do pan-africanismo, a doutrina de unir os governos africanos num mercado comum, com uma mesma moeda e política externa, além de um sistema de comunicação continental.

Quando o dinheiro para esses planos visionários minguou, Nkrumah aumentou os impostos sobre os produtores de cacau. Mas a queda do preço internacional do produto levou o país e o presidente à beira do abismo. Com a população descontente, o homem que era a esperança da África democrática virou ditador. Proibiu greves, suspendeu todos os partidos políticos com exceção do seu e usou os tribunais de justiça para perseguir adversários. O mais lamentável é que, até então, o sistema judiciário de Gana, criado pelos britânicos, era exemplar, marcado pela aplicação de um direito imparcial e ponderado. “Politizando a economia, Nkrumah rapidamente eliminou o superávit de Gana; em meados dos anos 60, o país tinha acumulado uma enorme dívida externa e uma baixa credibilidade para o crédito internacional”, escreveu o historiador Paul Johnson.³⁰⁴ Nove anos depois de assumir, o líder mais promissor da África foi deposto por um golpe militar. Apesar da lambança política – ou justamente por causa dela –, Nkrumah ganhou, em 1963, o Prêmio Lênin da Paz, concedido pela União Soviética aos maiores defensores do socialismo.

Na Tanzânia, que se tornou independente da Inglaterra em 1964, o presidente Julius Nyerere assumiu prometendo uma sociedade socialista. Logo se apropriou de indústrias, bancos, companhias de seguros, companhias de comércio exterior e grandes fazendas.³⁰⁵ Como a maioria da população da Tanzânia era composta de pequenos agricultores, o governo decidiu unificá-los em fazendas coletivas. Nos primeiros dez anos, Nyerere se negou a forçar os camponeses a se mudar, procurando seduzi-los com alimentos e benefícios. Como menos de 20% dos camponeses topavam a mudança, Nyerere usou métodos um pouco mais incisivos. Queimou pequenos vilarejos e ordenou que 10 milhões de pessoas caminhassem até as fazendas coletivas.

O governo instituiu também um rígido tabelamento de preços. Como sempre acontece quando se tabela preços, os produtores pararam de trabalhar, já que não havia lucro para incentivá-los. Os poucos que continuaram produzindo passaram a vender o que tinham no mercado negro, onde os preços eram ainda mais altos para compensar o risco de repressão. Para acabar com o contrabando de comida, Nyerere fechou as fronteiras, dando um golpe em outra preciosa fonte de renda da Tanzânia: o turismo. “Em poucos anos, o país passou da posição de maior exportador para a de maior importador de alimentos na África”, conta o economista Sven Rydenfelt.³⁰⁶ Apesar da lambança econômica – ou justamente por causa dela –, Nyerere ganhou, em 1987, o Prêmio Lênin da Paz.

Na Guiné, antiga colônia francesa, foi quase a mesma coisa – ou um pouco pior. O presidente Ahmed Sékou Touré nacionalizou grandes empresas, prendeu opositores, fechou partidos e invadiu fazendas de colonos franceses. Com a velha ideia revolucionária de criar um novo homem, “o novo guineano”, Touré instituiu um regime de terror que prendia, torturava e executava qualquer suspeito de traição. O

governo criou um pequeno campo de trabalhos forçados que ficou conhecido como Gulag da Guiné, onde cerca de 50 mil prisioneiros políticos foram mortos.³⁰⁷ Apesar da lambança política – ou justamente por causa dela –, Touré ganhou, em 1961, o Prêmio Lênin da Paz.

Em comum, os jovens e intelectualizados líderes da nova África acreditavam que os problemas econômicos poderiam ser resolvidos pela política. Afinal, se o imperialismo era a causa da miséria dos países colonizados, o combate a ele levaria automaticamente à **prosperidade**. Esses líderes prometiam ficar tão longe da União Soviética quanto dos Estados Unidos, mas na prática compartilhavam com os regimes socialistas a crença no dirigismo econômico. Achavam que um eficiente planejamento central e intervenções na economia teriam o poder mágico de tirar países da miséria e trazer a todos justiça e igualdade social. Esses homens de ideias ousadas, atitudes enérgicas e moral superior arruinaram a **África**. Acabaram com o básico do básico necessário à prosperidade da economia: segurança jurídica e ordem pública. Sem isso, produtores deixam de produzir, comerciantes e empreendedores levam seu dinheiro para longe, oportunidades e empregos mínguas. “As antigas colônias tornaram-se excelentes presas para o grande flagelo humano do século 20: o político profissional”, resume o historiador Paul Johnson.³⁰⁸

Essa ideologia, que recebeu o nome de “terceiro-mundismo”, teve sua formulação mais conhecida na obra do economista brasileiro Celso Furtado.

Os líderes africanos se sentiam tão ungidos por uma iluminação especial que consideravam qualquer oposição desprezível. O presidente Nkrumah chegou a pronunciar a seguinte frase: “Todos os africanos sabem que eu represento a África e falo em nome dela. Portanto, nenhum africano pode ter opinião diferente da minha”.

Fora esses redentores sabiamente equivocados, a África sofreu com caudilhos dos mais cruéis, excêntricos e curiosos. O caso mais estranho é o de Uganda. Uma das regiões mais bonitas da África, Uganda costumava encantar os viajantes europeus. Winston Churchill passou por ali em 1907, quando era um deputado de 33 anos e viajava como representante do Império Britânico. Churchill não gostou de tudo o que viu na África, pois boa parte das colônias e dos protetorados britânicos se resumia a “selvagens nus e pintados batendo lanças e balbuciando em coro para os chefes tribais”.³⁰⁹ Houve uma exceção: Uganda. Churchill se apaixonou por Uganda.

“Em vez de um pé de feijão, você sobe uma linha de trem e no final há um maravilhoso mundo novo”, escreveu Churchill no livro *My African Journey*. “Uganda é de uma ponta a outra um jardim maravilhoso, onde o principal alimento do povo cresce quase sem trabalho, e onde quase tudo pode ser cultivado melhor e mais facilmente do que em qualquer outro lugar.”³¹⁰ Numa altitude média de mil metros, o país tem planaltos ótimos para o cultivo de grãos e é perfeito para o turismo: tem

cadeias de montanhas, picos nevados, florestas tropicais, rios cheios de cachoeiras e terras que beiram grandes lagos – como o Vitória, o maior lago da África, e a nascente do rio Nilo.

Mas não só a natureza encantou Churchill. Ele também gostou da “polidez completa e elaborada” do povo e do reino local, a dinastia Baganda. “Mais de 200 mil nativos sabem ler e escrever. Há uma corte, há regentes e ministros, há um sistema regular de leis e tribunais. Eu me pergunto se há outro lugar em toda a Terra onde os sonhos e esperanças da negritude, tantas vezes escarnecidos pelos fatos, alcançaram tal feliz realização.”³¹¹ Certamente Uganda não era tão bela assim – só entre 1900 e 1920, 250 mil habitantes morreram de doença do sono. Mas estava longe do inferno que surgiria com a independência.

Em 1962, depois de uma negociação pacífica com a Inglaterra, Uganda se tornou independente. Os líderes do país seguiram os mesmos: o rei passou a ocupar o cargo de presidente, e a chefia do governo seguiu com o primeiro-ministro Milton Obote. Quatro anos depois, acusado de participar de um esquema de tráfico de marfim, Obote suspendeu a constituição, prendeu aliados e adversários, invadiu o palácio real, expulsou do país o antigo rei e passou a acumular os cargos de presidente e de primeiro-ministro. Em 1970, numa guinada à esquerda, o homem se apoderou de 60% da participação dos bancos e das grandes empresas. Até aí, nada a que a África já não estivesse acostumada. Mas no ano seguinte Obote foi deposto por Idi Amin, o chefe das forças armadas que costumava torturar prisioneiros cortando-lhes o pênis, o presidente canibal, o homem que se intitulava “conquistador do Império Britânico”, o ditador mais excêntrico e assassino da África.

Com o apoio do líder palestino Yasser Arafat e de Muamar Kadafi, ditador da Líbia, Idi Amin implantou uma ditadura árabe-muçulmana, sem ligar para o fato de menos de 5% dos ugandenses adotarem essa religião. Montou uma polícia secreta nos moldes da KGB, massacrou minorias étnicas, executou inimigos reais e imaginários e expulsou do país 75 mil asiáticos. De acordo com a Anistia Internacional, em oito anos o governo matou cerca de 300 mil **pessoas**. O próprio Amin participou de algumas dessas execuções, incluindo a de uma de suas mulheres e de um de seus filhos. O homem ainda tinha hábitos de canibalismo ritual, guardando partes de corpos em seu refrigerador. Seguiu uma antiga crença africana de que comer o inimigo resultava em proteção espiritual.

Sim, exatamente como no filme *O Último Rei da Escócia*, de 2006.

³⁰⁴ Paul Johnson, página 432.

³⁰⁵ Sven Rydenfelt, “Lessons from socialist Tanzania”, *The Freeman*, 15 de janeiro de 2013, disponível em www.fee.org/the_freeman/detail/lessons-from-socialist-tanzania/#axzz2I13GfEmH.

[306](#) Idem.

[307](#) Camp Boiro Internet Memorial, disponível em www.campboiro.org/cbim-documents/cbim_intro.html.

[308](#) Paul Johnson, página 430.

[309](#) Winston Churchill, *My African Journey*, William Briggs, 1909, página 86.

[310](#) Winston Churchill, páginas 87-89.

[311](#) Winston Churchill, página 90.

Nos anos 70, auge da opressão racial do apartheid, centenas de milhares de africanos negros se mudaram para a África do Sul para trabalhar nas minas de ouro, carvão mineral e diamante do país. Um terço dos quase 400 mil trabalhadores da Câmara de Mineração Sul-Africana vinha de países recém-independentes, como Zâmbia, Malaui, Zimbábue e Moçambique.^{[312](#)}

ELES PREFERIRAM O APARTHEID

Diante dos governos revolucionários que se apoderavam de propriedades e reprimiam comerciantes, as pessoas preferiram ir atrás de oportunidades melhores, nem que fosse na racista África do Sul. Esses imigrantes provam que, se o apartheid era ruim, nada é mais insuportável do que uma economia socialista.

^{[312](#)} Paul Johnson, página 443.

Relatos como esses parecem mentiras e Amin negou tudo até o fim da vida, mas eles vêm de seus próprios ministros. Alguns deles fugiram do país ao perceberem que seriam os próximos – o chefe já havia eliminado o presidente do Banco de Uganda, o vice-reitor de uma universidade, o presidente do Supremo Tribunal, um arcebispo e três ministros, dos quais dois foram espancados até a morte pelo presidente.³¹³ “Ele mataria ou mandaria matar qualquer pessoa sem hesitar”, contou o ex-ministro da Educação, Edward Rugumayo, num memorando que enviou a todos os chefes africanos.³¹⁴ “Ele mata fria e racionalmente”, escreveu o ministro da Justiça. Num comunicado que enviou aos subordinados em março de 1973, Amin sugere: “Se algum ministro sentir que sua vida está em perigo, por causa de multidões ingovernáveis ou pessoas insatisfeitas, está livre para atirar e matar”.³¹⁵

Apesar dessas barbaridades, Idi Amin seguiu conquistando corações (em sentido figurado). Mesmo durante as execuções, Amin era admirado em todo o mundo. Em 1975, líderes africanos foram a Uganda e o elegeram presidente da Organização da Unidade Africana (OAU, na sigla em inglês). “Os chefes de estado cumularam felicitações durante o encontro, quando, depois de devorar pedaços de sua ex-mulher, Amin casou-se com outra, uma dançarina de pole dance de sua Unidade Mecanizada Suicida”, conta o historiador Paul Johnson. “Eles aplaudiram na hora em que Amin apareceu, carregado numa liteira por quatro empresários brancos, acompanhado de um sueco que segurava um guarda-sol sobre sua cabeça”.³¹⁶ Também em 1975, Amin participou da Assembleia Geral da ONU, em Nova York. Depois de um discurso indignado contra Israel, no qual defendeu a aniquilação total do estado judeu, foi aplaudido de pé por líderes do terceiro mundo. No dia seguinte, ganhou um jantar de homenagem promovido pelo secretário-geral da ONU. Deposto em 1979, Amin fugiu para a Líbia e depois para a Arábia Saudita, onde morreu, em 2003. Esse, pelo menos, não ganhou o Prêmio Lênin da Paz. Mas certamente faria justiça ao prêmio.

Para não entediar o leitor, basta dizer que o mesmo roteiro (revolucionários que se tornam tiranos, culto à personalidade do líder, apropriação de empresas, perseguições políticas, guerras internas e externas) foi encenado por toda a **África**. Na República Democrática do Congo, o ditador Mobutu proibiu nomes cristãos e mudou o seu para Mobutu Sese Seko Kuku Ngbendu Wa Za Banga, que significa “o galo que não deixa as galinhas em paz”. O líder do Gabão, de um metro e meio de altura, proibiu a palavra “pigmeu” e contratou uma guarda pessoal de altos soldados alemães. Na Guiné Equatorial, o presidente Francisco Macías Nguema matou a pauladas o ministro do Exterior e membros de sua família, provocou o exílio de mais de um terço dos habitantes e fez o país ganhar o apelido de “Dachau da África”, em referência ao campo de extermínio nazista.³¹⁷ Com graus diferentes de repressão, trapalhadas econômicas e psicopatia, 18 dos 30 mais populosos países africanos viveram regimes de inspiração socialista – sem falar nos governos islâmicos,

ditaduras anticomunistas e guerras civis igualmente **desastrosas**.

Um dos poucos países onde heróis socialistas e senhores de guerra não fincaram o pé foi Botsuana, ao norte da África do Sul. O primeiro presidente não se apropriou de empresas, não fechou o país ao comércio internacional nem levou as contas públicas à falência. Foi reeleito e depois sucedido pelo suplente, que também foi reeleito e sucedido por seu suplente. A estabilidade rendeu o maior avanço em qualidade de vida entre os países africanos.

De 150 chefes de Estado que governaram a África entre 1957 e 1991, apenas seis deixaram o poder voluntariamente.

“Pergunte a esses líderes sobre as causas dos problemas da África”, sugere o economista ganense George Ayittey. “E eles vão tagarelar sobre o colonialismo, o imperialismo americano, os efeitos perniciosos da escravidão, a injustiça do sistema econômico internacional, a exploração das multinacionais. É claro que nunca mencionarão sua própria incompetência e a adoção de políticas equivocadas.” Os revolucionários e ditadores mais cruéis da África se sairiam muito bem numa prova do Enem.

[313](#) Paul Johnson, página 451.

[314](#) Paul Johnson, página 450.

[315](#) Idem.

[316](#) Paul Johnson, página 452.

[317](#) Paul Johnson, página 448.